

Brasil a partir de um ponto de vista de feminista hoje

Daniela Alvares Beskow

fev/2016

Escrito para a Revista Escucharnos Decir. Feminismos Populares en America Latina.

Organização: Colectivo Minervas (Uruguay) y Mujeres en Lucha, (Movimiento Popular La Dignidad, Argentina).

Traduzido para para o espanhol por Gabriela Iglesias e publicado em junho de 2016.

Disponível em: www.palavraemeia.com

Introdução

Para entender a situação de um elemento qualquer, seja uma pessoa, um grupo de pessoas, um território, uma época, um movimento social, um contexto, e assim por diante, pode-se dirigir a atenção para diferentes aspectos desse elemento e também a partir de vários focos de análise. Nesse sentido é importante entender que toda observação e análise de um elemento é uma seleção parcial, incompleta e não-neutra. Parcial, porque partindo de apenas um ponto de vista, observa apenas algumas partes do todo; logo é incompleta; e não-neutra, pois nenhuma análise é neutra, ou seja, toda análise pressupõe uma seleção de certos elementos em detrimento de outros. Esse processo de seleção se dá em função do que chama mais a atenção no olhar da pesquisadora e do que é considerado mais relevante sobre dado objeto de pesquisa. Além disso o olhar de quem observa está muitas vezes enquadrado em um modelo teórico específico, logo, as escolhas de análise vão ser direcionadas em função deste e em detrimento de outros modelos. Todas essas reflexões ajudam a entender que toda análise se dá em função de condicionamentos e escolhas nos âmbitos teórico, subjetivo, individual, coletivo. Nenhuma versão da realidade é absoluta.

Realizo essa pequena introdução tendo em vista que um dos pontos que considero ser mais importante no movimento feminista é o diálogo entre feministas. Como mulheres vivendo dentro do sistema patriarcal há que se dialogar e aliar as lutas de variadas formas, por vezes muito diferentes entre si, contra o inimigo comum: o patriarcado. Compreender que há vários pontos de vista sobre inúmeras realidades e a partir daí unir forças contra esse sistema que violenta, explora, domina,

submete, mata, estupra, humilha e maltrata mulheres diariamente há milhares de anos. Unir na diversidade, divergir na unidade, entender que somos diferentes, visualizar estratégias e táticas de luta que por ora divergem, ora convergem. Deixar-se enriquecer pelo ponto de vista da outra, estar disponível à transformação conceitual de um dado problema e também compartilhar o próprio ponto de vista com as companheiras de luta.

Olhar teórico feminista

Olhar para a realidade através da reflexão sobre gênero e além, através de um ponto de vista feminista é direcionar a atenção para como as relações entre homens e mulheres se dão nas sociedades. No patriarcado, sistema social sob o qual vivemos há milhares de anos, os homens dominam, exploram, oprimem e violentam as mulheres das mais variadas formas. Ao mesmo tempo as mulheres vem resistindo, lutando, sobrevivendo contra essa dominação também de variadas formas.

Estar violentada aos homens não significa que as mulheres são vítimas incapazes de agir e reagir. Isso é o que dizem eles e contra o qual o feminismo luta e sobre o qual diverge. Ser vítima em uma relação de violência significa que são vivenciadas situações onde não se forneceu permissão, não se entrou em acordo para que tal situação ocorresse, e onde, ao mesmo tempo, uma ou mais pessoas agem e promovem essa situação através da imposição de sua própria vontade. Violentar é agir de forma que se altera o destino de outra pessoa sem pedir permissão à essa pessoa, sem propor antes, sem entrar em acordo, sem pedir consentimento, sem dialogar. Os mecanismos através dos quais se dão relações de violência são vários e extremamente complexos. Ser violentado não significa que essa pessoa seja incapaz, fraca, submissa. Significa que em dado momento essa pessoa não pode ou não consegue reagir. Há também o fator complexificador que é a consciência ou a classificação de que dada relação é ou não uma relação violenta. Esse fator depende não apenas de visões subjetivas sobre a realidade, mas, também dos contextos culturais coletivos que classificam os elementos da realidade. Além do próprio contexto de dominação que tende a mostrar como aspecto positivo as violências que produz, de forma a continuar mantendo-as no tempo. Há um intenso esforço de convencimento, diluído no cotidiano, para que as violências sejam mantidas e classificadas como cotidianas, aceitáveis, comuns e muitas vezes positivas. Esse esforço é realizado individual e coletivamente e todas as pessoas de alguma forma o mantém, seja reproduzindo as relações de violência, seja defendendo-as, seja premiando quem violenta e punindo quem é violentado, seja não fazendo nada a respeito ou não se posicionando contra. Nesse sentido a violência contra as mulheres tem sido amplamente aceita em todas as sociedades, não apenas na prática, mas, muitas vezes no

próprio discurso.

Para se entender uma realidade é necessário levar em conta os aspectos históricos, econômicos, sociais, religiosos, culturais, linguísticos, artísticos, políticos dessa realidade. É preciso entender as relações de violência e desigualdade entre classes sociais, etnias, faixas etárias, pessoas com diferentes orientações sexuais, com diferentes corpos/habilidades/capacidades, entre homens e mulheres. Um ponto de vista feminista olha para todos esses elementos a partir da situação de homens e mulheres no patriarcado. O patriarcado é o sistema onde nenhuma ou pouquíssimas mulheres estão nos cargos de tomada de decisão sobre o coletivo, nos âmbitos político, econômico, familiar, religioso e social. Em outras palavras, são os homens que vem decidindo sobre os rumos das vidas coletivas e individuais das sociedades. As mulheres tem sido quase completamente alijadas desses espaços, não opinando, não elaborando regras, leis ou estratégias de como viver em coletivo. Tem sido reservado às mulheres o espaço da obediência de regras elaboradas pelos homens. Defendo aqui que a principal violência cometida contra as mulheres no patriarcado é o fato de que as mulheres não decidem de forma ampla e democrática sobre os rumos da vida coletiva e logo, sobre os rumos de suas próprias vidas e que essa violência gera inúmeras outras. Esse contexto está diluído em todos os aspectos da vida social em todas as sociedades atuais. Órgãos de decisão econômica; cargos de chefia de Estados; cargos de direção em vários níveis, desde as câmaras de vereadores das cidades até organizações de empresas, movimentos sociais, associações de bairro, direção de peças teatrais, reitoria das universidades, gerências no pequeno comércio. Poucas são as mulheres nesses cargos. Importante fazer a ressalva que essa situação vem lentamente se modificando, porém, a estrutura se mantém, não tendo as exceções mudado a regra. O fato de as mulheres não decidirem gera um contexto cotidiano de aceitação e prática social de diversas situações onde o homem decide pelos rumos da vida da mulher, não apenas nos contextos de regras e leis formais, como os citados acima, mas, fortemente nos momentos cotidianos das vidas das pessoas. A violência do estupro os números altíssimas dessa violência no Brasil, por exemplo, escancara o fato de que à mulher não é concedido o direito de legislar sobre o próprio corpo, já que esse está constantemente ameaçado se ser estupro.

Observar a realidade através do ponto de vista da violência contra a mulher é um ponto de vista teórico. Defendo um ponto de vista teórico feminista sobre a realidade a partir do momento em que este:

- Observa, identifica e entende a realidade a partir do sistema patriarcal em que vivemos;
- Problematiza essa realidade;
- Propõe novas realidades;

- Observa e analisa o discurso das mulheres na História e no cotidiano;
- Promove vazão dos discursos dessas mulheres;
- Dialoga com outras mulheres, promovendo um discurso aliado à prática, que transforma.

Brasil

Assim como qualquer outro país, o Brasil apresenta inúmeras complexidades. Para entendê-lo é necessário aproximar-se delas, dialogar com elas, estar com elas, observá-las de longe e de perto, tentar compreender, duvidar de si, duvidar daquilo que observa.

O Brasil é resultado direto de séculos de extrema violência europeia contra os povos indígenas originários e contra os povos africanos brutalmente sequestrados de suas terras e escravizados em várias partes da América Latina. Ao longo dos séculos a invasão ao território foi consolidando-se e com ela a brutal discrepância econômica entre povos e etnias que passavam a constituir o que passou a denominar-se de Brasil. A ocupação das terras foi ocorrendo entre indígenas perdendo territórios e cada vez mais acucados, afro brasileiros vivendo sob o égide do racismo e da exclusão de direitos e um processo capitalista que se desenvolvia através da cessão de poder a quem tivesse dinheiro, força, influência política e econômica. Terras foram sendo cedidas, compradas, ocupadas, griladas através de um processo complexo que resulta atualmente em uma intensa desigualdade de distribuição do território contra o qual se organizam movimentos de ocupação e reivindicação de terras e direitos tendo o seu maior expoente o MST- Movimento dos Trabalhadores sem Terra. Ao longo dos séculos povos se misturaram, muitas vezes inclusive através do estupro. Nos séculos XIX e XX levadas de imigração, de países europeus, do oriente médio e Japão, fugindo de guerras e países em dificuldades econômicas, trazem nova população ao território. No fim do séc. XIX tem fim oficial a escravidão e o início da democracia. O séc. XX devasta, mata, sufoca e estupra corpos e ideias com ditaduras militares e seguimos com dificuldade na construção de cotidianos democráticos no país. Em meio à tudo isso as mulheres vem sendo violentadas das mais variadas formas, por homens de todas as classes sociais, etnias, países.

Ano de 2016

O Brasil está no oitavo mandato presidencial eleito por voto direto desde a última ditadura militar. Desde então houveram cinco presidentes, dentre os quais três deles foram reeleitos uma vez. Atualmente temos a primeira presidente mulher, no seu segundo mandato consecutivo.

A situação atual do país no que diz respeito à política representativa e as forças sociais que a correspondem e dialogam com ela está bastante polarizada e conflitante. No quarto mandato do Partido dos Trabalhadores (PT) - ainda que com todas as modificações em sua prática, um partido de esquerda – eis que a força conservadora do país começa a renascer dos rastros sujos de sangue do pensamento ditatorial de pouco tempo atrás no Brasil. O conservadorismo reaparece com grande força, não apenas na composição do Congresso Nacional – câmara dos deputados e dos senadores com maioria proveniente da direita e bancadas ruralistas, religiosas e ligadas à polícia com grande força-, na composição do poder judiciário, mas, também com incrível agressividade na grande mídia e daí se espalhando para setores direitistas da sociedade, sejam aqueles já velhos conservadores sejam parcelas desinformadas da sociedade que se deixam levar pelas versões descaradamente mentirosas e distorcidas da mídia atual e passam a adotar comportamentos igualmente agressivos em passeatas e posicionamentos públicos. Manobras ilegais tem sido colocadas em prática por parte de políticos da direita. Mulheres políticas tem sido atacadas publicamente por políticos homens que as agridem verbalmente pelo fato de serem mulheres.

Um olhar feminista para essa realidade observa as relações de violência através das quais políticos homens e também políticas mulheres, estas, reproduzindo o machismo, propõe e aprovam leis que violentam e reforçam as violências contra as mulheres, agindo a partir de visões religiosas, moralistas, patriarcais e violadoras. Manifestações públicas de misoginia contra a presidente mulher são observadas em várias partes do país, vindas de direitistas comuns ou mesmo de radialistas, jornalistas, pessoas públicas que já não sentem o menor pudor em violentar verbalmente a imagem da chefe de Estado do país a partir de sua condição enquanto mulher e a veicular tais agressões em rede nacional, em programas de televisão, em emissoras de rádio, páginas de jornais. A direita está com raiva e direciona seu ódio à imagem distorcida por milênios de patriarcado ao que supõe ser uma mulher no poder e todas as possíveis características negativas associadas à essa situação. A direita está com raiva de ver o país que ocupa com desdém ser comandado por uma mulher.

Alguns dos projetos de lei e propostas apresentadas no Congresso Nacional nos últimos meses, seja em avaliação ou em vias de serem aprovadas, propostas ou coordenadas pelo presidente da Câmara Eduardo Cunha, que vem realizando diversos atos ilegais no seu exercício de mandato:

- Projeto de Lei 5069/2013: Dificulta a realização legal do aborto, criminalizando médicos que realizem aborto e submetendo à vítima à maus tratos psicológicos após a violência do estupro, como a obrigatoriedade do exame de corpo delito em uma delegacia antes que a vítima possa realizar o atendimento médico;
- Estatuto da Família: Classificação da família como aquele formada por um homem e uma mulher,

não reconhecendo como família as uniões homoafetivas. Promove a homofobia e conseqüentemente a probabilidade de aumento de violências contra lésbicas, a partir do momento em que não reconhece na lei os mesmos direitos que casais heterossexuais;

- Projeto de Lei 6061/2013: Exigência que a mulher vítima de estupro que solicite em hospitais públicos a pílula do dia seguinte comprove que foi estuprada antes do acesso ao remédio. Promove violência estatal contra a mulher já violentada sexualmente;

- O Estatuto do Nascituro que propõe proteção integral ao feto e proteção nenhuma à mulher grávida que deseja ou não realizar um aborto. Promove não-proteção à mulher que engravida;

- Projeto de lei 3748/2008 conhecido como “bolsa-estupro” que concede à mãe estuprada que não realizar o aborto uma bolsa para que mantenha o filho. Promove violência psicológica ao estimular que a mulher estuprada dê seguimento à gravidez do filho de seu estuprador.

Essa é apenas uma amostra das propostas. As bancadas de direita tem colocado nos últimos anos várias outras propostas de cunho conservador e que atacam diretamente as mulheres, retirando direitos em outros momentos já estabelecidos, ao menos na forma de lei.

Alguns elementos a favor do feminismo e das mulheres são importantes em serem ressaltados:

- Lei do Feminicídio, aprovada em 2015, que reconhece a existência de crimes praticados contra a mulher em virtude de pura e simplesmente ela ser mulher e classificando-o como crime hediondo, o que agrava a pena para o agressor;

- Lei Maria da Penha, de 2006, que legisla sobre violência doméstica e familiar contra a mulher e que tem demonstrado certa diminuição nos casos de violência desse tipo contra a mulher;

- Pec (Proposta de Emenda Constitucional) das domésticas, aprovada em 2013 e que amplia e garante direitos trabalhistas à trabalhadoras domésticas.

Movimento feminista no Brasil

Nos últimos anos o movimento feminista tem se ampliado e fortalecido de diversas formas no Brasil. Como em outros países houveram no Brasil ao longo dos últimos séculos tanto ícones mulheres como movimentos sociais organizados no âmbito do feminismo. Lutando contra a escravidão; o poder dos latifundiários; os senhores de engenho; as ditaduras militares; as democracias representativas que não reconheciam as mulheres como capazes de votar; contra os meios profissionais que não aceitam mulheres como capazes de exercer certas habilidades; lutando por um maior número de mulheres na política representativa, lutando por melhores condições de vida para as mulheres, e assim por diante. Transformando épocas e sociedades as mulheres vem resistindo ao sistema que persiste em as dominar.

Em 2011 ocorreu no Canadá um movimento feminista denominado Slut Walk. Milhares de mulheres saíram às ruas protestando contra a cultura do estupro que defende que se a mulher estiver usando certo tipo de roupa ela não pode impedir que seja estuprada e é a responsável pela violação que sofre. A fala de um policial sugerindo que as mulheres não deveriam se vestir como vadias para evitar que fossem estupradas desencadeou o movimento. A manifestação surgiu com força, as mulheres diziam que, se para ser livre e vestir a roupa que quisessem elas seriam chamadas de vadias, então que seriam vadias e reivindicariam esse conceito. A Marcha se espalhou pelo mundo e no Brasil o movimento foi traduzido como Marcha das Vadias. Desde então se organizaram no país várias coletivas dessa marcha, realizando não apenas passeatas anuais pontuais, como se organizando enquanto grupos feministas. Há muitos debates atualmente dentro do movimento feminista sobre a defesa ou não da forma como as Marchas das Vadias colocam algumas questões. Uma das principais é se seria estratégico defender um termo historicamente machista e criado pelos homens com o intuito de associar às mulheres uma imagem negativa, além também do distanciamento que a defesa desse conceito poderia gerar em relação à muitas mulheres que não se identificam com o sentido pejorativo da palavra. De qualquer forma, o movimento vem pautando a liberdade das mulheres em andarem no espaço público da forma como lhes convém e que isso não pode ser usado como justificativa para serem violadas, estupradas, agredidas de nenhuma forma. Essa questão é, do meu ponto de vista, extremamente positiva para a construção de autoestima e força nas mulheres. Mantenho no entanto minha discordância com o caráter das roupas utilizadas nas marchas, que se utilizam do simbolismo erótico patriarcal de feminilidade e que vem violentando mulheres ao longo dos milênios. Defendo também que o movimento feminista difunda os conceitos criados pelas próprias mulheres. Penso não ser interessante se apropriar de termos criados pelo patriarcado e que vem violentando mulheres ao longo dos séculos. Para além das divergências e convergências é importante reconhecer que houve uma disseminação e fortalecimento do feminismo após o surgimento da Marcha das Vadias no Brasil, arrisco até a falar em renascimento. Não apenas de grupos ligados à esse movimento, mas, vários outros grupos. Os debates recomeçaram a pipocar, grupos a surgir, organizações de mulheres em encontros presenciais, através de debates em sites e blogs feministas, redes sociais, organizando marchas, atividades, publicações, obras artísticas. Nos últimos anos viu-se um fortalecimento do feminismo em várias classes sociais e grupos étnicos e mais facetas do feminismo começaram a surgir e consequentemente mais divergências e pontos conflitantes tem vindo cada vez mais à tona. Há um contexto onde tudo isso vem ocorrendo e se faz necessário realizar uma pesquisa mais aprofundada para entendê-lo, percebendo suas origens e desdobramentos, mas, alguns elementos contextuais podem ser apontados: há no Brasil a primeira presidente mulher, já no seu segundo mandato, o que

é resultado direto da luta do movimento feminista no país e também gera efeitos no próprio movimento e nas mulheres: concordando ou não com o sistema representativo, ter como presidente uma mulher influencia diretamente na autoestima de milhões de mulheres que percebem que é possível uma mulher estar no cargo máximo de administração do país; lentamente mais mulheres estão sendo eleitas políticas, mesmo que o número ainda seja bastante raso há um aumento; artistas mulheres do Brasil e internacionais de grande reconhecimento vem se apropriando do feminismo e disseminando-o para um grande público que talvez de outra forma não realizaria tais reflexões nesse momento. Ainda que haja muitas divergências em relação às formas como são colocados os debates a partir da cultura mainstream, há que se refletir sobre o fato de que o feminismo está sendo apropriado e pautado e mais discussões estão vindo à tona; o Brasil vive o resultado de 3 anos de governo de esquerda – a América Latina vive situação parecida em alguns países - o que influencia diretamente na organização de movimentos sociais e reconhecimento de direitos civis da sociedade em geral. Todo esse contexto macro influenciou, do meu ponto de vista, no renascimento do movimento feminista no Brasil. Hoje as vertentes do pensamento e dos grupos estão mais difundidas e mais nítidas. É muito mais comum se identificar com uma ou outra vertente do movimento do que há cinco anos atrás, onde os conceitos eram mais diluídos nas práticas feministas. Cada vertente apresenta um complexo de conceitos e posicionamentos através das quais as mulheres - e por vezes homens, dependendo da vertente – se organizam e lutam diariamente enquanto mulheres, enquanto feministas.

Os grupos feministas no Brasil hoje são bastante diversos. Alguns unem feministas antigas às mais jovens, outros surgem a partir da internet, outros a partir do contato presencial entre mulheres do cotidiano. Em todos há de alguma forma diálogos entre as teorias escritas, por vezes acadêmicas, e a prática. Alguns mais conscientes desse diálogo, outros menos. Muitos criando teoria a partir da prática, produzindo conceitos vivos e completamente ligados às ações que produzem, propõe. Há que se ressaltar algumas vertentes e movimentos que tem ocupado espaço nos debates: O feminismo negro tem trazido questões latentes a partir da vivência da mulher negra no Brasil e mobilizado mulheres que por vezes não se viam contempladas enquanto mulheres no movimento negro; o feminismo interseccional, que apresenta influências do pensamento queer, tem se difundido por muitos grupos; o feminismo radical vem resistindo e apresentando propostas feministas e sobrevivendo à perseguição que sofre no meio; o anarquismo se soma de forma um pouco diluída à essas vertentes e no momento atual não apresenta tanta força de mobilização como outras vertentes; a ligação entre feminismo e veganismo é também uma corrente forte de pensamento e ao mesmo tempo bastante atacada por várias razões; o feminismo marxista une mulheres mais velhas com mulheres mais novas mantendo a trajetória de grupos mais antigos. Todas as vertentes apresentam pensamentos e conceitos bem definidos e coerências próprias.

O momento brasileiro atual de debate entre as vertentes nem sempre conduz a um diálogo, porém, muitas vezes à agressões e brigas. Alguns dos pontos conflitantes entre as vertentes são: a defesa ou não da prostituição; o entendimento e defesa das pessoas trans enquanto uma bandeira feminista; a participação ou não de homens no movimento; o entendimento da estética da feminilidade como libertação ou violência; a importância ou não da união ou não entre feministas brancas e negras; a importância ou não de dialogar com os homens como uma estratégia de luta feminista. Dentre os pontos que unem e tem mobilizado os grupos a estarem juntos em passeatas e em ações cotidianas conjuntas, alguns com maior força de mobilização e outros que tem ganhado visibilidade mais recentemente, destaco: a luta a favor da descriminalização do aborto e/ou legalização do aborto; a luta pelo fim da violência obstétrica; a luta em denunciar coletivamente e trazer ao debate as violências sexuais que ocorrem em transportes coletivos; a mobilização em torno de denúncias sobre violência policial, incluindo violência sexual, contra mulheres em manifestações de rua, delegacias e presídios; a luta pela sobrevivência no espaço público e a liberdade em poder transitar sem ser violentada; o repúdio ao assédio verbal com conteúdo sexual; o repúdio ao número crescente de estupros no país; a luta por salários justos e condições de trabalho dignas para as mulheres; o fim da violência contra lésbicas. Há que se observar também que os grupos reconhecem a importância dessas pautas de maneira geral, mas, nem sempre se empenham em inseri-los de forma intensa e profunda nas suas práticas. As pautas das mulheres negras e das mulheres lésbicas, por exemplo, muitas vezes tem sido deixadas de lado por muitos grupos e vertentes.

Entre alguns desafios que se apresentam hoje para os movimentos feministas no Brasil elencaria:

- Como lidar com as opressões entre mulheres? Racismo, opressão de classe, gordofobia, capacitismo, etarismo e lesbofobia são questões latentes que existem em função das diferentes origens, cotidianos, escolhas e contextos das mulheres e que se fazem bastante presente nos grupos. Como unir a partir da diferença? E ainda, é possível unir mulheres que se oprimem? É possível pensar em uma superação dessa opressão enquanto mulheres e construir espaços de ajuda mútua, cooperação, libertação comum?;
- Há que se questionar com mais profundidade a heterossexualidade compulsória e pensar a transformação feminista enquanto mulheres que dedicam sua vida e energia feminista à outras mulheres, ou seja, lésbicas. E nesse sentido questionar o;
- Feminismo heterocentrado de muitos grupos;
- Há que se questionar com profundidade as construções históricas de feminino e masculino, estas, construídas dentro do sistema patriarcal enquanto categorias sociais de dominação, mas, por vezes adotadas sem questionamento por algumas correntes como categorias de libertação e escolha.

- Como pensar a criação de filhos homens seja por casais hetero ou lésbicos.

O panorama é mais ou menos assim: as feministas radicais defendem a prática do feminismo exclusivamente às mulheres. Nesse sentido são acusadas pelas feministas interseccionais de “feministas bucetistas”, por entenderem que o feminismo radical defende o conceito de mulher como algo somente biológico. O feminismo radical responde que não enxerga a mulher apenas como aquela que tem uma vagina, mas, defende o conceito de mulher como classe e como uma construção social a partir de sua situação biológica. O feminismo interseccional defende a ideia de que mulheres e homens são algo somente construído socialmente, e nesse sentido apoiam a luta das pessoas trans como um bandeira feminista. Nesse sentido acusam as radicais de serem transfóbicas por não adotarem essa bandeira da mesma forma. Muitas vezes as lésbicas também são acusadas de transfóbicas por não quererem se relacionar sexualmente com mulheres trans. Ao mesmo tempo as radicais acusam as interseccionais de lesbofóbicas por não priorizarem o feminismo exclusivo às mulheres e desenvolverem um feminismo heterocentrado que indiretamente dedica sua luta aos homens; as radicais também acusam as interseccionais de não-promoverem espaços feministas seguros, a partir do momento em que não são espaços exclusivos para mulheres; as feministas brancas são acusadas de racismo pelas feministas negras; as feministas veganas são acusadas de elitismo pelas feministas não veganas que em grande parte não conhecem o veganismo e ao mesmo tempo as feministas carnistas são acusadas de opressoras e especistas; parte do feminismo é acusado de academicismo, quando coloca em pauta questões teóricas dos livros e intelectuais; o feminismo que adota a feminilidade como uma bandeira de libertação é acusado pelo feminismo radical de defender e reproduzir opressões históricas contra a mulher. Entre divergências e acusações, o feminismo caminha, se desenvolve, gera reflexões e mulheres pensantes.

Concluo com uma reflexão sobre os desafios que se colocam no feminismo hoje em relação às vertentes e grupos. Se posicionar a favor de uma corrente é necessariamente se colocar contra a outra? Como se posicionar publicamente a favor de uma corrente sem se colocar em uma posição de ataque às outras correntes? Como enriquecer pensamentos e práticas feministas a partir do intercâmbio entre ideias, ações, conceitos? Como reconhecer que como mulheres, oprimimos outras mulheres nos terrenos da etnia, classe social, orientação sexual? E como fortalecer a luta das mulheres a partir dessas diferenças de contexto e contra nosso inimigo comum, o patriarcado?

Como citar esse ensaio:

Beskow, Daniela Alvares. Brasil a partir de um ponto feminista hoje. **Palavra e Meia**, Fev. 2016. Ensaio. Disponível em: <<http://www.palavraemeia.com/ensaios/brasil-a-partir-de-um-ponto-de->

[vista-feminista-hoje/](#)> Acesso em: [inserir data].